

26/09/2017 - 05h00

## Falta de chuva levará a indústria a comprar energia mais cara em 2018

Importações do Uruguai e da Argentina ajudam, mas não resolvem a necessidade de contratação do insumo; aquisição dos países vizinhos assegura economia de apenas 5% no preço final no País



Apesar da situação crítica na oferta em razão da seca, não há risco de apagão, avaliam especialistas  
Foto: j.f. diorio/estadão conteúdo

São Paulo - O cenário de falta de chuvas vai complicar a contratação de energia para 2018, em meio à expectativa de retomada da indústria. Segundo a consultoria Thymos, o preço do insumo (megawatt-hora) tende a atingir uma valorização de até 100% no curto prazo.

Segundo o presidente da Thymos, João Carlos de Mello, o preço em reais do megawatt-hora começou o ano entre R\$ 140 e R\$ 150, saltou para R\$ 170 em junho e agora soma R\$ 250. "A tendência, diante da falta de chuvas, é de que esse valor aumente, chegando próximo aos R\$ 300", afirma.

O preço no mercado livre é o que as indústrias e as empresas contratam com antecedência para atender aos picos de demanda futura. A estimativa de Mello é que cerca de 20% dos clientes empresariais ainda não tenham contratado energia para o próximo ano.

Em meio à crise econômica, entre os anos de 2015 e 2016, as contratações futuras perderam ritmo, porém, diante da expectativa de uma expansão em ritmo superior da atividade industrial em 2018 essa alta seja repassada aos custos dos empresários.

## Seca

Por trás dessa alta está uma das piores secas a atingir algumas das maiores represas dos Países, como a de Sobradinho (Bahia) e a da Serra da Mesa (Goiás), que estão, respectivamente, com 5% e 8% de sua capacidade. No caso de Sobradinho, a Agência Nacional de Águas (ANA) não descarta que o reservatório atinja o chamado "volume morto", que é a reserva técnica de águas mais profundas. "O nível dos reservatórios do sistema de reservatórios está numa situação tão crítica quanto de 2001 [quando teve apagão], porém a situação é diferente, pois temos as térmicas e o sistema está mais interligado", destacou Mello, acrescentando que estes baixos níveis devem se perpetuar em 2018.

O presidente do Instituto Acende Brasil, Claudio Sales, comenta que a situação seria mais crítica caso o uso da energia eólica não estivesse consolidado na região Nordeste, onde a seca castiga a região. Da demanda de 8.410 MW do último domingo, 5.599 MW foram atendidos pela fonte eólica, equivalente a 66,5% do total, enquanto a hidráulica respondeu por 1.502 MW, cerca de 17,5% do total.

"A energia eólica tem sido muito relevante para o Nordeste, garantindo o abastecimento de energia", afirma.

Segundo ele, apesar dos maiores custos o risco de "apagão" é descartado neste momento, exatamente pela interligação dos sistemas entre as regiões brasileiras, onde a menor geração hidrelétrica de uma área pode ser compensada pela de outra, diferentemente de 2001, quando a indústria parou por falta de energia elétrica.

## Importação

Uma das alternativas encontradas pelo governo para evitar o acionamento das termelétricas e, assim causar uma elevação maior no preço da energia, é por meio da importação de energia elétrica da Argentina e do Uruguai. O Ministério de Minas e Energia recebeu autorização, "de forma excepcional e temporária", até 31 de dezembro do próximo ano para o procedimento, que ocorre semanalmente, em leilões, semanais, de compra dos países vizinhos. "É uma medida importante, porém é complementar", pondera Sales.

Para o presidente da Thyos, a compra de energia dos países vizinhos aliviaria apenas em 5% o possível aumento do custos pelo uso de mais térmicas no Brasil. "Nossa conexão com o Uruguai é pequena, e com a Argentina um pouco maior, mas tem que haver muita negociação", diz Mello. "Temos ainda a possibilidade de importar mais gás da Bolívia. No entanto, não há nenhuma medida salvadora da pátria", complementa.

Enquanto isso, a expectativa é de que a seca leve ao acionamento da chamada "Bandeira Vermelha" a partir de outubro. A cor da bandeira varia conforme haja necessidade de aumento do uso de térmicas. Atualmente, vigora a amarela.

Essa alteração de bandeira elevaria o preço, para todos os consumidores, em cerca de 2%, projeta Sales.

## Rodrigo Petry